

Ana Leonor Prata
EBS de Machico

O Céu do meu jardim
| P. 4

Os jovens e o mundo do trabalho

De acordo com a lei, não é permitido empregar jovens com idade inferior a 16 anos, e os jovens que têm entre 16 e 18 anos podem trabalhar, mas apenas em atividades culturais, desportivas ou publicitárias, ou desde que estejam inseridos num sistema de formação alternada ou num estágio profissional. Infelizmente, hoje em dia, há várias famílias que, tendo em conta os seus salários e as suas despesas mensais, não conseguem ter uma quantia destinada a “luxos”. Com a palavra “luxo” refiro-me a bens materiais, como roupa de marca, telemóvel, algum dinheiro para saídas ou algo do género, ou seja, tudo aquilo que seja importante na vida de um adolescente, mas que vá para além das necessidades básicas como higiene, alimentação e bem-estar. Para poder resolver esse problema, alguns jovens, por volta dos 16 anos,

procuram, por vezes até num contexto familiar, um pequeno “part-time”, desde que não interfira com o normal funcionamento escolar. Pessoalmente, acho isso muito positivo para a vida do adolescente porque consegue aprimorar várias competências sociais, profissionais e pessoais, como o sentido de responsabilidade, comunicação, autonomia, atenção e, acima de tudo, maturidade.

Se, por um lado, o trabalho parcial nestas idades desenvolve determinadas competências, por outro, podemos estar a contribuir para uma geração demasiado ligada ao dinheiro. No entanto, na minha opinião, não há melhor forma de construir uma sociedade preparada para os grandes desafios a não ser mergulhando no mundo do trabalho.

André Duarte
EBS/PE da Calheta

O peso do olhar



Segundo a aluna, o trabalho gráfico foi inspirado numa fotografia de uma criança de outra cultura.

Laura Ferreira
EBS de Santa Cruz

eee



Erasmus+ Langculture



Na semana de 5 a 12 de dezembro de 2021, nós, outras duas alunas e três professores, realizámos, no âmbito do projeto ERASMUS+ (Langculture), uma viagem à Grécia, onde nos encontramos com alunos oriundos de outros quatro países — Itália, Lituânia, República Checa e Turquia — com o objetivo de experimentarmos a aprendizagem de novas línguas, em concreto, o grego. Durante essa semana, apesar da pandemia, tivemos a oportunidade de sermos acolhidas, cada uma de nós, por diferentes famílias gregas, nas quais pudemos sentir um grande à-vontade, tal como se estivéssemos nas nossas próprias casas. Foram-nos proporcionadas aulas de grego, com alunos e professores nativos, nas quais, com atividades lúdicas e simples, como músicas e jogos, foi possível aprender um pouco do vocabulário essencial. Além disso, também pudemos experimentar um pouco da gastronomia local, com pratos e sabores diferentes dos que estamos habituados.

Tal como em todas as viagens, sejam estas de lazer ou de trabalho, foi possível conhecer algumas das zonas mais famosas da Grécia, em especial as zonas históricas de Delphi e de Atenas, especialmente aquela onde se encontra situada a Acrópole, sendo esta uma das partes de que mais gostámos ao longo desta viagem.

No entanto, apesar de todo o conhecimento adquirido, seja este histórico, linguístico ou geográfico, nada irá superar a conexão que criámos com as pessoas envolvidas neste projeto, em especial os estudantes dos diversos países.

Para concluir, podemos afirmar que esta foi uma experiência inesquecível em que conhecemos pessoas que, com certeza, iremos levar para toda a vida, juntamente com as memórias e os laços que foram criados com os mesmos.

avtío!

eee

Ana Jaques e Liliana Silva
EBS Bispo D. Manuel Ferreira Cabral
(Santana)



Sempre fui bastante atenta àquilo que me rodeia: à minha família, ao grupo de amigos e aos assuntos mais atuais da sociedade. Existem vários temas aos quais sinto uma ligação íntima, tais como a natureza e a infância, que são temáticas também presentes nesta edição do 'Ponto e Vírgula', na reportagem relativa à exposição "Sistema circulatório" e no texto "Céu do meu jardim".

Na reportagem ressalta a analogia entre as levadas e o corpo humano, nomeadamente o sistema circulatório, que dá o nome às obras ali expostas. O texto da Paula Álvaro levou-me à infância e à minha passagem pelos escoteiros e ao facto de querer ser cada vez melhor pessoa, mais altruísta, compreensiva, presente e grata ao que a vida sempre me proporcionou.

Por falar em ser grata, expresso uma enorme gratidão ao PV, porque ser correspondente deste projeto e editora da publicação do mês de fevereiro foi uma experiência incrível! Poder saber como se processa todo o trabalho dedicado a este suplemento é deveras interessante e ser editora deu-me uma nova perspetiva, ainda que leve e muito leiga, sobre o jornalismo.

Temos de ser cúmplices da palavra e da escrita, para que ela flua, não só na suavidade que queremos, mas também na força da mensagem que chega aos leitores.

O PV é, sem dúvida, uma excelente oportunidade para nós, jovens, expormos os nossos pensamentos e ideias. Uma experiência que nos torna unos com a palavra e o leitor!

Um Teatro na mala

A companhia de Teatro ATE Produções, Teatro da Mala, esteve na EBS Dr. Ângelo Augusto da Silva para apresentar as peças 'Farsa de Inês Pereira', de Gil Vicente, e 'O Sermão de Santo António aos peixes', do Padre António Vieira. No ensejo entrevistámos o ator Alexandre Sá.

Como é que um ator consegue transformar-se nos vários personagens que dão corpo 'à Farsa de Inês Pereira'?

Nós, em sociedade, não somos sempre "iguais a nós próprios". Mudamos. Ligeiramente, mas mudamos, conforme as circunstâncias. Não temos o mesmo comportamento numa sala de aula, em casa, no café, num concerto. Mesmo entre amigos temos comportamentos e atitudes diferentes com pessoas diferentes. Não há nada de errado nisso.

Os seres humanos são seres sociais e adaptam-se às circunstâncias. No caso dos atores, acho que esse músculo de adaptação está mais forte e, claro, os atores têm mais técnica do que outras pessoas. Trabalham muito a imaginação para que o público consiga também imaginar. No fundo, é a ilusão que o teatro cria no espetador. Ou seja, somos a mesma pessoa com ligeiras alterações na voz e na fisicalidade. Isso, conjugado com adereços ou roupas que sirvam a construção dessa ilusão do personagem, faz com que vejamos vários personagens. Respondendo mais diretamente à tua pergunta, um ator tem de ter um conhecimento profundo do texto e da história que está a ser levada à cena.

Como é que surgiu esta ideia de levar à cena obras do Programa de curricular de Português? Acha que é uma mais valia?

A ideia surgiu da companhia ATE – Arte, Teatro e Educação. Sempre foi uma companhia vocacionada para a educação pela arte. Já fazia espetáculos para o público escolar em 2015 e decidiu criar o 'Ciclo da Mala', um conjunto de espetáculos, construídos a partir dos textos estudados, que pudessem levar o teatro às escolas secundárias. Assim, os alunos podem aceder aos textos que têm de estudar sem ser unicamente através da leitura e dos manuais. Acho importante veicular a ideia de que os textos carregam imagens, ideias, ações, emoções, e que o teatro pode ser uma forma de mostrar que dentro dos livros existem essas coisas. Se a porta de entrada para esta maravilha literária que são alguns dos autores portugueses que são estudados no secundário for o teatro, que seja.

Como é que vê a 'Farsa de Inês Pereira' transposta para os dias de hoje? Continua a ser atual?

A 'Farsa de Inês Pereira' é a história da carochinha. Uma mulher que procura

marido. A história é um clássico do mundo ocidental. E a partir dessa base clássica se constroem histórias adaptadas aos tempos que se vivem. Ou seja, o Gil Vicente pegou num clássico da narração oral e transformou-o numa peça de teatro adaptada ao tempo em que ele vivia. Com as críticas que ele entendia fazer na altura. Portanto, a peça tem muita atualidade, nos dias em que os movimentos feministas reclamam igualdade entre géneros. É assim que se mede a atualidade de um texto. Se conseguimos encontrar nele elementos que façam sentido no tempo em que vivemos, então ele é atual. Se ele resistir ao tempo e se conseguir adaptar às diferentes épocas e diferentes olhares, então torna-se um clássico.

Luísa Milho

EBS Dr. Ângelo Augusto da Silva
(Funchal)





A crise climática

As alterações climáticas são, cada vez mais, um assunto preocupante. É ameaçada a continuidade e bem-estar da população mundial. São notórias, com maior intensidade, as consequências desta drástica mudança ao longo dos anos. Todos nós já ouvimos falar das alterações climáticas ou aquecimento global e sabemos que precisamos de mudar a forma como vivemos.

O aumento da temperatura média do planeta não é nada mais nada menos do que uma consequência do modo como a Humanidade tem vivido. Os gases que contribuem para efeito de estufa têm vindo a aumentar intensamente ao longo das últimas décadas, desde a revolução industrial. Principalmente devido à queima de carvão, gás e óleo, ao aumento da pecuária, aos fertilizantes e à desflorestação. Esta mudança acelerada de temperatura traz muitas consequências. O derretimento das calotas polares, a elevação dos níveis do mar, o aumento de radiação incidente na terra, as catástrofes climáticas com maior intensidade, tais como chuvas intensas e

grandes períodos de secas, a extinção de espécies e o aumento de doenças, são alguns exemplos devastadores para toda a população mundial.

Por isso, é necessário criar medidas para reduzir estes aspetos promotores do aquecimento global. Há cerca de 30 anos, a ONU reúne cerca de 200 países para uma 'Conferência das Partes' para discutir as ações que diminuirão o aquecimento global. Estes debates ocorrem há três décadas, no entanto, a situação continua a agravar-se. Já temos as medidas necessárias para reverter as mudanças de temperaturas, contudo, não são postas em prática e apenas se espera que a condição climática melhore. Estamos há 30 anos a debater soluções para resolver a crise climática, no entanto, as soluções já estão encontradas, falta apenas acordarmos, mudarmos e transformarmos as nossas esperanças de um planeta saudável em ações para fazê-lo acontecer. O futuro do mundo depende nós.

Carlota Reis
EBS de Machico



O Céu do meu jardim

De olhos fechados e respiração leve, sente-se o calor do Sol que se perde entre as folhas da minha fonte de sombra e suavemente chega a mim. Num jardim tão vasto onde conhecimento é pouco, pequenas flores como Jacintos brancos e de sinceridade afastam qualquer tonalidade de arrependimento. As crianças brincam, ao longe, saltam e falam, sentem saudade mesmo tendo-se visto pela manhã. Eu também já fui assim. Brincando às apanhadas pela vila, brincar sem seguir regras. Éramos apenas crianças caçando borboletas num mesmo jardim. Hoje, crescidos, levamos memórias de um tempo que já não nos pertence, mas não por isso nasceriam amarelas essas pequenas flores. Trocamos manhãs na vila por noites à beira-mar, brincadeiras por paixões.

Alguns substituem os doces gelados por uma cerveja de madrugada, em algo que era suposto ser um reencontro de amigos. Trocaremos restaurantes por filas de supermercado e, por fim, deixaremos de virar noites em bares para nos deixarmos a ver as nuvens passar numa longa tarde de domingo, que, infelizmente, nos parecerá mais curta do que todas as outras. Ao final, realmente não importa a minha idade. Mantenho a respiração para passar despercebida e olho disfarçando para o lado. Eu não estou sozinha, há sempre alguém na minha toalha no jardim. Soltado um leve riso, fecho os olhos mais uma vez, não preciso ver mais nada, mesmo cega por essas memórias, ainda sou uma criança, brincando, neste nosso campo carmin.

Paula Álvaro
EBS da Ponta do Sol

'Sistema Circulatório'

A nova exposição de Martinho Mendes e David Oliveira, na Galeria Espaçoamar.

No passado dia 21 de janeiro, a Escola Básica e Secundária Gonçalves Zarco (EBSGZ) acolheu, na Galeria Espaçoamar, uma exposição de David Oliveira e Martinho Mendes, denominada 'Sistema Circulatório'. A Galeria Espaçoamar foi criada em dezembro de 2013 e tem como principal objetivo o fomento do conhecimento do público estudantil na área das artes. A exposição 'Sistema Circulatório' tem como intuito permitir uma nova visão sobre as paisagens da ilha da Madeira. O nome dado à instalação é uma metáfora do próprio corpo natural da ilha. As levadas são as veias desse corpo. Na cerimónia de abertura da exposição, a EBSGZ recebeu como convidado o Sr. Presidente do Governo Regional, Dr. Miguel Albuquerque, que lembrou as diversas vidas perdidas na construção das levadas e a verdadeira epopeia que este trabalho constituiu, mesmo numa altura onde o analfabetismo reinava. Reafirmou o sacrifício da população na construção e manutenção desses canais e dos poios e, consequentemente, tornou humanizada a paisagem da Madeira. Noutro momento da sua intervenção, falou da importância da criatividade no ensino e explicou que «as humanidades é que trazem o espírito crítico ao ser humano» e que «a escola deve continuar a incentivar e a promover a criatividade artística».

A Presidente do Conselho Executivo, Prof.ª Cristina Duarte, disse que o projeto Espaçoamar promove o contacto entre os artistas e os estudantes e serve para que os alunos se questionem acerca das diversas temáticas das exposições e desenvolvam assim um olhar crítico sobre a arte. Reafirmou que «para criar uma obra de arte é preciso criatividade, espírito crítico, conhecimento, muita dedicação e muito trabalho».

Martinho Mendes e David Oliveira explicaram que a exposição 'Sistema Circulatório' foi pensada especialmente para a EBSGZ, pois esta tem o privilégio de usufruir da água pura da levada dos Piornais, a qual é uma levada importantíssima que promove a sustentabilidade da agricultura de grande parte da cidade. Destacaram que, devido ao seu relevo montanhoso, a Ilha da Madeira carrega diversas dificuldades no setor agrícola e na distribuição de água. A exposição poderá ser visitada pelos interessados até 8 de abril, mediante marcação prévia junto da equipa responsável pelo espaço.

Jéssica Fernandes
EBS Gonçalves Zarco
(Funchal)





grande ideia

*

CONCURSO ESCOLAR

Se és aluno do secundário,

participa na tua escola!





Reportagem

A hora é esta!



Quando se fala em futuro, fala-se no depois. Mas o depois depende do agora. Nesta perspetiva, pensar no futuro sem pensar no agora não faz sentido.

Questionámos os colegas do terceiro ciclo e do ensino secundário da nossa escola sobre as expetativas que têm para o futuro e o seu plano de ação para concretizar essas mesmas expetativas.

Os testemunhos recolhidos foram variados e mostram que quanto mais elevado o nível de escolaridade, mais apreensivos estão os estudantes em relação ao seu futuro, mas também mais conscientes de que o futuro começa a delinear-se agora – ou já começou, no passado! Apurámos que é no nono ano que acontece a primeira grande dor de barriga com a escolha do curso no secundário. Constatámos que é nessa altura que a maioria dos alunos começa a pensar de forma algo séria no seu futuro, mas muitos deles reconheceram que só no décimo primeiro ano pensaram a valer no que haveriam de fazer quando terminassem a escolaridade obrigatória.

Contudo, apurámos que alguns alunos já dão sinais de angústia mesmo antes do nono ano. Laura Constantino está no oitavo ano e o seu depoimento mostra isso mesmo: “Não sei ainda o que quero ser no futuro; sei que preciso de estudar muito e de ter boas notas

para ser bem-sucedida, mas não sei qual o agrupamento que vou escolher. Tenho receio de escolher um agrupamento e depois arrepende-me. Acho que não vou estar preparada para fazer essa escolha apesar de ter de a fazer.”

Em todo o caso, verificámos que o décimo segundo é, por excelência, o ano da tomada de consciência de que as decisões no momento presente acarretam consequências a longo prazo; daí a maioria dos testemunhos mostrarem indícios de preocupação e ansiedade, como é o caso de Ana Andrade, que se encontra a frequentar o décimo segundo ano: “Estou ainda a pensar a que cursos me vou candidatar pois ainda não defini nenhum em especial. Também não sei ainda se quero sair da ilha... Outra coisa que me assusta são os exames! Apesar de estudar e trabalhar para ter o melhor resultado possível, tenho pavor de não conseguir a nota para me candidatar e sei que o meu futuro depende disso.” Concluimos que à medida que vão ganhando maturidade pessoal e académica, os alunos vão tomando consciência de que o futuro se constrói. Pois que não se pode construir o futuro no futuro, é tempo de dizer: A hora é esta!

Duarte Pereira

EBS Padre Manuel Álvares
(Ribeira Brava)



Ilustração

A arte é arte



Carolina Cabral

EBS Dr. Ângelo Augusto da Silva
(Funchal)



Poesia

Prémios
la Vie
FUNCHAL
SHOPPING CENTER

Em ti, folha, te venero

A ti, Folha que brotaste de dentro do galho...
galho que saiu de dentro do tronco,
é a ti, Folha, que te venero!
Venero-te pelo teu atrevimento...
Diz-me, Folha, como fizeste para vingar?
“Foi a sede do sol para me aquecer,
a sede da lua a iluminar-me,
a sede do vento a estremecer-me o corpo.
Foi a sede que me levou a sair
de mansinho do galho que me deu vida,
do tronco que me deu sustento...”
Ah que atrevimento invejoso
eu sinto por querer brotar
e não ter esse teu atrevimento...
A ti, Folha, é em ti que te venero!

Jéssica Fernandes
EBS Gonçalves Zarco
(Funchal)



Investigação Histórica

A Rua da Banda d'Além

A Rua da Banda d'Além é uma das ruas mais antigas de Machico e, talvez, da Madeira.

Situada no núcleo primitivo do povoado de Machico, a Banda d'Além, a história desta rua, que se estende desde o largo da Capela dos Milagres até à esquadra da PSP, remonta aos primórdios do povoamento da Ilha e às imediações do local onde desembarcaram, em 1419, Tristão e Zarco. Segundo os cronistas, o desembarque deu-se a oeste da ribeira, onde se acharam os jazigos dos ingleses Machim e Ana D'Arfet, feito que determinou a edificação de uma capela de invocação de Cristo¹, a primeira da Ilha, e em torno da qual se formou o primeiro núcleo populacional de Machico.

A Banda d'Além, como o próprio topónimo indica (*do lado de lá, para além de*), desenvolveu-se na margem esquerda da ribeira que, desde cedo, polarizou a vida do povoado de Machico em dois núcleos: o primitivo, *o da Banda d'Além*, a leste, e *o da Vila*, a oeste, em torno da Igreja, da Câmara e da Alfândega. Servida apenas por uma ponte, a Banda d'Além era habitada por gente humilde,

ligada à pesca (barqueiros, pescadores, calafates carpinteiros) e a outros ofícios, em casas dispostas ao longo de uma rua que seguia paralela à ribeira. Diz-nos Adriano Ribeiro que «para leste de uma artéria que subia a montante da ribeira, apilhava-se um casario que seguia encosta acima, onde moravam homens de ofícios ligados ao mar. A rasgar este espaço, abriam-se umas veredas que caminhavam no sentido do Pico do Facho» (RIBEIRO, 2001: 72). Seria um aglomerado de casas de modestas dimensões, as “casas dos pescadores”, de um piso apenas, porta baixa (ao nível da cobertura, certamente de colmo) e *terreiro* nas traseiras, de que sobrevivem ainda alguns exemplares. Curiosos becos irrompem desta rua, como o 'Beco do Portão', cujo acesso se faz por um singular arco abatido, que nos contam outras estórias.

A proximidade da Rua da Banda d'Além ao mar e à ribeira trouxe vantagens, sobretudo a nível da comunicação, pois a inexistência ou escassez de caminhos fazia do mar o principal meio de ligação a outras partes da Ilha. No entanto, essa mesma contiguidade fez com que esta

rua fosse muito fustigada por aluviões, terramotos e chuvas torrenciais que, tantas vezes, destruíram a «muralha da ribeira, causando inundações na Banda d'Além» (RIBEIRO, 2001: 42). Em memória dessas adversidades, que obrigaram quem pouco tinha a começar várias vezes de novo, são visíveis, na fachada de algumas casas, placas em cantaria rija com a marca do nível das águas aquando da aluvião de 1956 que, em alguns locais, excedeu a altura das casas. A rua que hoje percorremos não é mais a rua primitiva. No entanto, e apesar do paralelo ter substituído a terra batida e da maioria das casas pertencer a outras épocas, ainda é possível observar uma ou outra casa rasteira e sentir a identidade desta rua histórica, que urge preservar.

⁽¹⁾ A designação de Capela do Senhor dos Milagres ocorre apenas no séc. XIX, após a aluvião de 9 de outubro 1803.

Bibliografia:

RIBEIRO, João Adriano, *Machico-Subsídios para a História do seu Concelho*, Machico, CMM, 2001.

SOUSA, Elvino Duarte Martins (coord.), *Inventário do Património Imóvel do Concelho de Machico*, Machico, CCM/ARCHAIS, 2005.



Joana Lomelino
EBS de Machico

Prémios
laVie
FUNCHAL
SHOPPING CENTER

Distância. Uma palavra tão simples, mas tão complicada. Traz-nos paz e traz-nos tristeza, mágoa e sofrimento. Já experienciei os dois lados da moeda. Hoje? Hoje calhou-me o lado negro. Ninguém me preparou para o momento em que teria de deixar alguém ir. Deixar-te ir, um grande amor. São nestes momentos que vemos a nossa vida andar para trás e sentimos que as forças da natureza se juntam para nos derrubar e os ventos abraçam-nos e levam-nos para um lugar escuro e frio, onde não há luz, esperança ou calor. Todos estes sentimentos e sensações reduzem-se a lágrimas e soluços, noites sem dormir, à irritabilidade de quem vive sem viver e à dor de quem sente que já não tem alma. Todos os dias. Trouxe-me a saudade e um aperto tão grande que se torna difícil respirar, e o meu coração revela-se uma máquina cansada e esgotada ao fim do dia. O tempo custa a passar e as memórias dos momentos felizes e calorosos onde deixei sorrisos e lágrimas, as mãos que desenharam a minha cara e o meu corpo e olhares que, mesmo longe,

fazem parar o próprio tempo, ecoam e perseguem-me como uma nuvem que não deixa espreitar o sol num dia de verão. É assim que me sinto cada vez que partes. Ver o avião rasgar os céus e levar-te como a água que sacia a sede sem deixar nada para trás. Desejo as estrelas num dia nublado e desejo uma cura para toda a fome do mundo. Uma fome insaciável de amor e de carinho. Ainda recordo a primeira em vez que te vi. Ao longe e ao descoberto. Tão longe, mas tão perto é como me sinto de ti, fazes parte do céu, do mar, das estrelas e das flores. Tudo o que me rodeia és tu, leve, fugaz e fremente, mas não me chega, quero mais, o quase indizível, o poder tocar-te, abraçar-te, às vezes, só sentir a tua presença me bastaria, um pouco, um alento, um dissipar da névoa de tantas incertezas. Não estás! És tudo, mas nada, és mar que traz e que leva de volta, és sol e és nuvem, e, na escuridão da noite, és lua, obscura e incoerente de tão esperada... Imagino que regressas, simplesmente, qual bonança!... És tudo o que procuro,

anseio e encontro sem me esforçar, estás em tudo... Com tanta procura, perdi-me, distância traiçoeira e intransponível, encontrei-te, mas perdi-me a mim, esqueci-me de ser. Valerá a pena? A procura constante por tudo, e por nada, a tortura de lembrar com acinte a felicidade das mãos quando se deram, das palavras que eram sorrisos perenes... Tudo o que procuro está em tudo o que me rodeia, porém, a distância, a cidade, a ilha, o oceano, a linha intangível do horizonte, essa feroz adversária de todas as horas, sou eu que a sinto, cortante e implacável. Distância, uma palavra tão simples, mas tão complicada, às vezes gostava de a compreender, talvez de a abarcar. Quem me dera ter asas e voar para ti! Poder abraçar-te... A distância traz saudades, e choro ao lembrar-me do que perdi. A distância impede-me de te ver, mas nunca me impedirá de te amar! O amor que sinto por ti nem o vento é capaz de levar, nem as saudades apagar. O meu coração sofredor acredita que, se os nossos olhares foram verdadeiros, irás

voltar, independentemente do tempo inexorável e da distância em colapso gravitacional. Agora sim, compreendo as velhas palavras daquele sábio, só passamos a valorizar as pessoas depois de estarem longe. Sinto-me ao sabor do vento, já nada faz sentido! Sofro da distância. Não consigo estar longe de ti, de nós... sinto que ainda há tanto por viver. Precisamos de sofrer para parar de errar e a vida é demasiado curta para não aproveitar. O meu maior desejo é viajar até ti. Finalmente, vou seguir a minha intuição. Vou agarrar esta oportunidade e entrar num barco mergulhado em lágrimas. Irei procurar-te, sem parar, custe o que custar. Para mim, nada é mais especial que o teu toque, a tua voz, a tua companhia. Enfim, és tudo para mim! Vou calar esta dor e aprisionar esta amaldiçoada saudade que já não cabe no meu peito. Seremos felizes, novamente! Não tarda, estarei perto de ti.

Daniela Silva
EBS de Santa Cruz

Raquel Pereira
EBS Bispo D. Manuel Ferreira Cabral (Santana)

Ana Beatriz Fernandes
Escola da APEL (Funchal)



Reportagem

A Fábrica de microalgas marinhas do Porto Santo

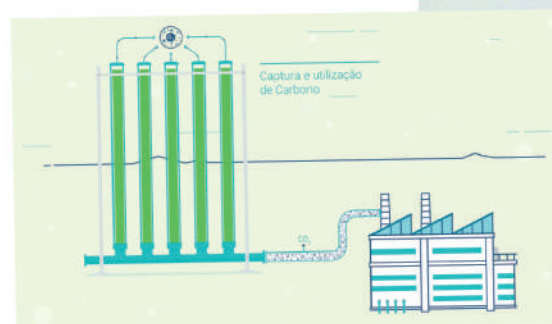
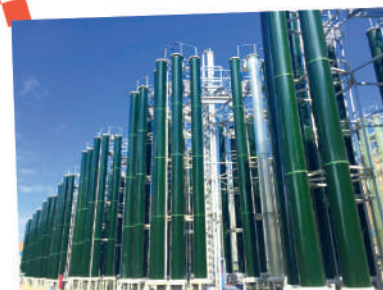
O Porto Santo, a pérola do Atlântico, dispõe de uma das maiores e principais empresas de biotecnologia da Europa. A fábrica de microalgas, localizada no Porto de Abrigo, é um dos maiores centros de produção de biotecnologia em sistema fechado. A unidade de produção na ilha tem uma parceria com a Empresa de Eletricidade da Madeira (EEM), entre outras instituições públicas e privadas, e é liderada pela empresa espanhola Buggypower. Emprega cinco dezenas de trabalhadores qualificados. A empresa é responsável pelo desenvolvimento da matéria-prima designada por biomassa – toda a matéria orgânica de origem animal ou vegetal que pode ser utilizada na produção de energia ou de bioprodutos de alto valor. A Buggypower revela ser um dos melhores exemplos daquilo que é apostar no futuro, pois mede os riscos a que estas novas tecnologias se associam, tendo em consideração os seus benefícios aos níveis financeiro, da saúde humana, da alimentação animal, da investigação farmacêutica e cosmética e da sustentabilidade. A estrutura física da fábrica parece ser simples: são “só” quase

3000 tubos verticais preenchidos com um líquido verde ou avermelhado e gás, para quem vê de fora. Contudo, é nestes 2870 fotobiorreatores fechados, com oito metros de altura, um sistema de elevação e um arranjo sequencial otimizado para capturar luz solar, que é estudada a tecnologia de produção patenteada, onde são produzidas as várias espécies certificadas de algas como *Chlorella*, *Tetraselmis*, entre outras. Sendo as algas e microalgas responsáveis por cerca de 70% a 80% do oxigénio terrestre, as suas propriedades químicas e biológicas podem estar na base de vários bioprodutos consumidos no dia a dia, desde alimentos a cosméticos. Estes seres vivos, ricos em vários complexos como ácidos gordos, carotenoides e antioxidantes, têm cada vez mais relevância na indústria, não só pela maior procura por alternativas que remetam para um estilo de vida saudável mas, também, por se poderem aplicar no tratamento de várias doenças dermatológicas, oncológicas, cardiovasculares e neurológicas. É por fornecer requisitos como as mínimas variações de temperatura,

de luz solar (que está na base da fotossíntese a todas as plantas para alimentar e fazer crescer a produção), de água extraída do mar (devidamente filtrada e devolvida ao oceano) e de CO₂ sob a forma de carbono orgânico, que o Porto Santo é a ilha “perfeita” para o desenvolvimento desta tecnologia e da sua produção.

Webgrafia:

<http://www.buggypower.eu/pt/>



Lara Ferreira

EBS Prof. Dr. Francisco de Freitas Branco
(Porto Santo)

Fotografia

Vénus Urbana



Gabriel Sarria

EBS D.^a Lucinda Andrade
(São Vicente)

Fotografia



Diversidade Cultural/Inclusão



Margarida Sousa
EBS/PE/C do Porto Moniz

Investigação Histórica

Rua Joaquim Pestana



A rua Joaquim Pestana situa-se na freguesia de Câmara de Lobos, dando acesso à Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos Dr. Luís Maurílio da Silva Dantas. A sua construção foi contemporânea, concluída a 24 de setembro de 2000. A atribuição do nome do poeta câmara-lobense, Joaquim Pestana, a esta rua, teve lugar na sessão camarária de 23 de dezembro de 2004. Joaquim Pestana foi um exímio poeta e escritor, natural da freguesia de Câmara de Lobos. Nasceu a 24 de dezembro de 1840, tendo falecido na freguesia de S. Martinho, do concelho do Funchal, a 6 de fevereiro de 1909, vítima de tuberculose. Pertencendo a uma classe social baixa, sem meios financeiros, modesto e humilde, era também um modelo de educação.

Joaquim Pestana era amante da sua bela e formosa ilha natal. Foi sempre movido pela contemplação da natureza e entregue aos devaneios da sua alma de sonhador. Como tal, filiou-se na corrente literária proclamada como Novo Trovador. Era o modelo do ultra-romântico na vida e nas suas páginas escritas. Nas suas composições, abundavam referências à mãe natureza, apelos ao sentimento e uma certa melancolia característica deste poeta.

Considerado dentro da época literária em que viveu, a do Romantismo, Joaquim Pestana foi um dos mais distintos poetas da nossa ilha. A sua indubitável fama, com base em inúmeras publicações nacionais e estrangeiras, colocou-o num patamar de glória até hoje sem seguidor nas letras madeirenses.

Um episódio praticamente ignorado pelo grande público é o que regista a passagem de Joaquim Pestana pela política ativa. Exerceu o cargo de vereador da Câmara Municipal de Câmara de Lobos, tendo também trabalhado, durante muitos anos, no *Botequim*, um estabelecimento de tecidos. No dia 3 de maio de 2010 foi apresentado, numa edição da Câmara Municipal de Câmara de Lobos, o livro 'Poesias de Joaquim Pestana', uma compilação dos seus poemas feita pelo historiador Nelson Veríssimo. Desde 2014, existe também um prémio de mérito escolar intitulado 'Prémio Joaquim Pestana' em honra do poeta, atribuído anualmente pela Câmara Municipal de Câmara de Lobos aos melhores alunos de cada ano de escolaridade das diversas escolas do nosso concelho.

Assim, a homenagem desta rua a Joaquim Pestana está ligada a toda a sua

história como pessoa e como escritor. Esta homenagem deveu-se à necessidade de perpetuar o poeta câmara-lobense, onde residiu a maior parte da sua vida, tendo em conta os seus notáveis escritos poéticos, disseminados por inúmeras das publicações da época em que viveu.

Eis um dos seus grandes poemas:

*A Minha Mãe
(Na ausência)*

*Se contemplo a argêntea lua
Divagando lá no céu,
Oh! diviso a imagem tua
Confortando o peito meu!*

*Quando em noite temerosa
Ruge o mar, carpe o rochedo,
Não encontro a voz bondosa!...
Corre o pranto! tenho medo!*

*Se da flor a mariposa
Vai roubar-lhe o meigo odor,
Vejo nela, caprichosa,
Minha mãe, o teu amor!*



Webgrafia:

http://www.concelhodecamaradelobos.com/dicionario/rua_joaquim_pestana.html

http://www.concelhodecamaradelobos.com/dicionario/pestana_joaquim.html

Bibliografia:

Livro "Poesias" de Joaquim Pestana

Ana Margarida Romão
EBS Dr. Maurílio da Silva Dantas — Carmo
(Câmara de Lobos)



Poesia

(tic)
(tac)

A palavra que se despenhou

À volta da palavra pões um delicado cinto de explosivos
E em cada circular interna pões outro ainda,
Mais silencioso.

Essa palavra tem outras artilhadas
Dentro de si,
Mas ninguém as ouve.

Algures a meio da palavra – tic tac
Começa o estalar do tempo.
Desafias outras palavras para abafar o som
E garantir um perímetro de segurança.

Ao longe, ninguém sente o tremor
E, aqui ao lado, todos estão adormecidos
E embalados
Tic tac

E não ouvem aquela outra que se despenhou,
Ainda agora,
Sem amarras,
Sem perímetro de segurança.

Alexandre Silva
ES de Francisco Franco
(Funchal)



Ilustração

Solidão, um mundo...



Leonardo Oliveira
ES de Jaime Moniz
(Funchal)

Situado a oeste da ilha da Madeira, o concelho de Ponta do Sol compreende as freguesias dos Canhas, Ponta do Sol e Madalena do Mar.

«Em 1420, João Gonçalves Zarco, em viagem de reconhecimento da costa da Madeira, atingiu uma ponta que entrava no mar que, de tão polida pela rebentação das ondas, parecia iluminada pelo reflexo dos raios solares», daí a designação Ponta do Sol.

O processo de povoamento da Ponta do Sol dá-se por volta de 1425, pouco tempo depois da descoberta da ilha.

Dada a fertilidade dos seus solos, proliferam as enormes fazendas aproveitadas, desde logo, para as chamadas “culturas ricas”. A Ponta do Sol torna-se, progressivamente, um importante polo de comércio, sobretudo do açúcar.

A 2 de dezembro de 1501, D. Manuel I elevou a localidade a vila e concelho municipal.

Devido à sua importância económica e também política, a Ponta do Sol recebe figuras proeminentes do panorama nacional e internacional, tendo o príncipe D. Luís sido uma dessas personalidades.



Investigação Histórica

Rua Príncipe D. Luís

Em outubro de 1858, a ilha recebeu a sua visita. O futuro rei de Portugal havia assumido o comando naval da primeira flotilha da marinha portuguesa rumo a África, tendo a Madeira sido ponto de paragem dos navios entre os dias 24 e 27 de outubro.

Sabe-se que, no dia 25 de outubro, o herdeiro dirigiu-se à Ponta do Sol, tendo desembarcado no Lugar de Baixo. Tinha como propósito subir à montanha, conhecer e visitar o Rabaçal e as 25 Fontes. Durante a sua breve estadia, D. Luís almoçou na vila e seguiu para a serra onde pernitoou. Este encantou-se pela beleza natural da ilha, comparando-a à da Suíça.

No dia 26 de outubro, o príncipe voltou a almoçar na vila e despediu-se da sua população, ao som de uma salva de 21 tiros de canhão, como forma de agradecimento pelo caloroso acolhimento. Regressou ao Funchal de onde partiu a 27 de outubro.

Para assinalar a visita e o enorme carinho demonstrados pelo futuro rei, a população decidiu atribuir o seu nome a uma das artérias da vila.

Em outubro de 1861, tornar-se-ia rei de

Portugal devido à morte do irmão D. Pedro V.

Considerado um homem culto e instruído, D. Luís reinou até 1889 e ficou para a História como uma das maiores personalidades a visitar a Ponta do Sol. Atualmente, esta rua do coração da vila, é o lugar ideal para passeios, permitindo aos transeuntes obter acesso a espaços não só culturais, mas também a vários serviços públicos.

Webgrafia:

<https://www.rtp.pt/programa/tv/p30438/e14>

[https://www.infopedia.pt/\\$d.-luis-\(1838-1889\)](https://www.infopedia.pt/$d.-luis-(1838-1889))

<https://www.madeira-web.com/en/places/ponta-do-sol/visit/village.html>

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Ponta_do_Sol_\(Madeira\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ponta_do_Sol_(Madeira))

Imagens:

GettyImages

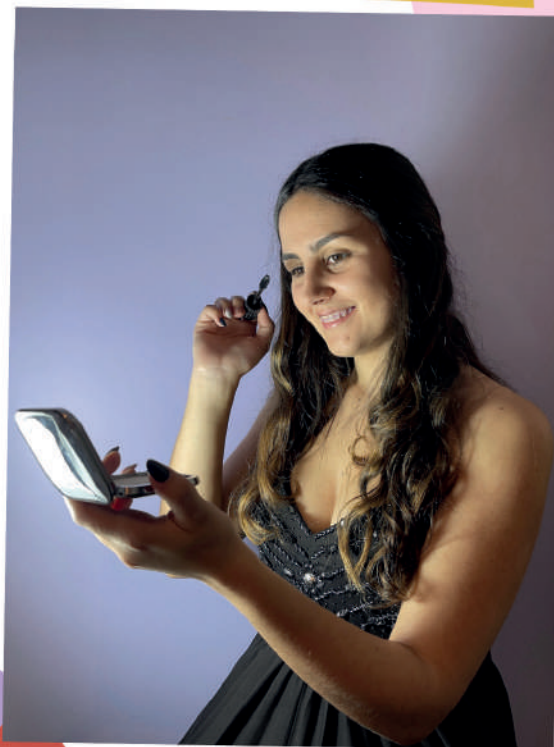
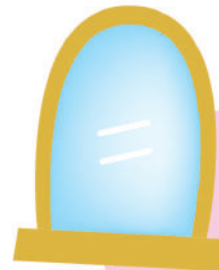


Luís Lobo
EBS da Ponta do Sol



Fotografia

Momentos de Beleza



Joana Agrela
EBS /PE da Calheta

Importância do sonho

O Sebastianismo foi um mito que ajudou a manter a esperança dos portugueses na época do domínio filipino, pois foi um sonho partilhado por multidões e que permitiu que o nosso país voltasse a ser nosso, daí a sua extrema importância. Por um lado, em épocas de repressão, a esperança é tudo o que temos. A esperança que tudo irá melhorar, e esta consegue-se através do sonho, que corresponde à manifestação dos nossos desejos. Um exemplo intemporal é a luta pelos direitos das mulheres. Ao longo da história, sempre houve uma tendência para a superioridade masculina, tanto nas vidas pessoais como, agora, nas profissionais. A luta feminista tem o propósito de conseguir a igualdade de género, que é um sonho de muitos indivíduos.

Este sonho, esta vontade profunda de diminuir a repressão feminina, está a ter frutos porque muitas pessoas sonharam com isso e tomaram medidas para que acontecesse. Por outro lado, o sonho e a ambição desmedidos podem ter um efeito negativo se forem levados a extremos e causarem mais dano do que bem. Um exemplo são os ditadores que já existiram. Talvez até tivessem boas intenções quando tomaram o poder e o sonho de tornar o seu país melhor, mas o sonho pode também tornar-se uma obsessão e levar à miséria e à morte dos povos. Concluindo, considero que o sonho é a representação, que pode ser levada à prática, dos nossos desejos, daí ser muito relevante no processo de sobrevivência dos povos em tempos difíceis.

Clara Mendonça

EBS Bispo D. Manuel Ferreira Cabral
(Santana)

O PV anda à roda



À roda do 'Ponto e Vírgula' giram ideias, criatividade, talento e as estrelas principais: os alunos!



A tecnologia vista por diferentes gerações (Parte 1)

Entrevista ao Padre Fernando Gonçalves, Diretor-Geral da Escola Da APEL

O que a tecnologia é para si?

A tecnologia é algo de fantástico, ajuda-me a realizar as minhas tarefas de forma mais rápida e mais perfeita.

Como se adaptou às novas tecnologias?

A partir de meados dos anos setenta, a tecnologia teve uma enorme evolução. O aparecimento dos computadores facilitou, entre outras coisas, a elaboração de cópias, que antes se faziam com máquinas de escrever e com o uso do papel químico. Lembro-me ainda do computador gigante, maior do que um frigorífico, da faculdade que frequentava, que usei para o tratamento de dados de uma pesquisa, na área das Ciências de Educação, que fazia parte da minha tese de Licenciatura, que defendi em 1978.

De forma geral, o avanço das novas tecnologias tornou tudo mais fácil, porém, foi preciso dedicar tempo à sua aprendizagem. Mas fui fazendo essa abordagem com gosto e curiosidade.

Onde teve maior influência o uso das novas tecnologias?

Em termos de estudos e de trabalho profissional, uso-a na investigação e na escrita.

Também para a comunicação à distância, onde relevo os contactos a nível profissional e pessoal. Como tenho os meus familiares no estrangeiro, o WhatsApp, por exemplo, proporciona-me uma conversa "olhos nos olhos", matando saudades.

Considera a tecnologia uma espécie de arte?

Sem dúvida. **A arte é uma das mais maravilhosas expressões do ser humano.**

Neste sentido, a tecnologia é uma arte, porque, sendo fruto do espírito criativo, também se torna fonte inspiradora de novas e úteis criações. Quanta criatividade, quanta beleza e quanta arte há na conceção, construção e utilização desses e de tantos outros produtos do saber e do engenho humanos!

Como utiliza a tecnologia no dia-a-dia?

A tecnologia acaba por ter um impacto bastante grande no meu dia-a-dia, mais especificamente, através do computador, que utilizo habitualmente. Quanto ao telemóvel, uso-o com frequência. Nos primeiros tempos tive alguma resistência ao seu uso, ao ponto de ter prometido a mim mesmo que

só o utilizaria quando fosse como um relógio de pulso. Mas, a partir do ano 2000, quebrei a promessa, porque uma comunidade me ofereceu um telemóvel. Foi o primeiro, todavia ainda não cheguei ao relógio-telemóvel! Quanto à Internet, posso dizer que é fantástica, pelo jeito que ela dá na pesquisa, na comunicação entre pessoas, no conhecimento das notícias do mundo, nos contactos, no teletrabalho, nas aulas à distância!

Como foi a adaptação da Escola da APEL às tecnologias?

Sigo a história da APEL, sobretudo a partir de 1991/92, numa altura em que era o responsável da minha Congregação religiosa, mas só comeci a pertencer a esta família em 2014, quando vim para Diretor-geral desta Escola. Apraz-me dizer que sinto um grande orgulho, porque esta Escola tem sabido acompanhar a evolução tecnológica. Não sei se sabem, mas a APEL foi a primeira, na RAM, com aulas e cursos de Informática e, hoje, dispõe de recursos humanos competentes, tem salas apetrechadas, usa materiais adequados e tem investido em parcerias, como acontece com o Grupo ACIN.

Curso Técnico de Multimédia
EBS Padre Manuel Álvares
(Ribeira Brava)



Rita Manica
e Santiago Fernandes
Escola da APEL
(Funchal)



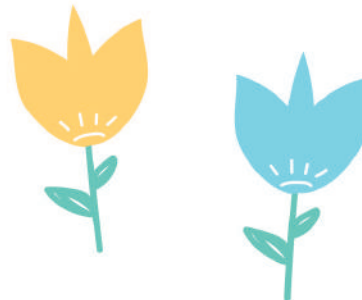
Porto Santo visitou Países Baixos



Em novembro passado, um grupo de quatro alunos do Curso de Artes Visuais do 12.º ano, acompanhados pelas professoras Dalila Peixe e Eugénia Miguéis, deslocaram-se aos Países Baixos, à escola De Meergronden, coordenadora do projeto 'Cultural Heritage Beyond Borders', que tem ainda como parceiros a Eslováquia, a Hungria e a Turquia, no âmbito do programa Erasmus+. Chegámos a Almere no dia 7 à tarde, onde os professores coordenadores do projeto nos esperavam, com uma necessidade enorme de nos conhecermos pessoalmente, após mais de um ano de encontros online devido à covid-19. Aos poucos, foram chegando as famílias de alunos da escola envolvida no projeto, que nos acolheram durante aquela semana.

Partilhámos conhecimentos sobre património cultural e pudemos assistir a aulas na escola que nos acolheu. Fomos a Amesterdão, visitámos o Rijksmuseum e fizemos uma visita à cidade pelos canais. No último dia, houve um jantar de despedida na escola, com apresentação de danças tradicionais dos países parceiros, entrega de certificados aos participantes, dia de choros e de promessas de um dia voltar. No dia 13 de novembro a aventura chegou ao fim. Chegámos a casa, após uma semana intensa de atividades.

Ana Maria Matei, Carolina Freitas, Thomas Rodrigues e Andreia Figueiredo
EBS Prof. Dr. Francisco de Freitas Branco
(Porto Santo)



As intenções boas, vindas do coração, é que contam

Entrevista a Humberta Correia, docente da Escola Secundária de Francisco Franco

O que a levou a ensinar a língua alemã?

Uma atração pela língua em si, ou seja, comecei a ouvir a língua alemã e a aperceber-me que gostava dos sons e que a achava uma língua desafiante. Na altura, estava no Liceu e não tinha a disciplina de Alemão. Por isso, resolvi ir para a Academia de Línguas e começar a aprender com uma professora alemã chamada Heidi R. de Andrade.

O que é que mais aprecia enquanto professora?

Sem dúvida, o contacto com os alunos! Em primeiro lugar, porque acho que os jovens têm uma postura e energia muito boas, o que faz com que seja interessante lidar com eles e, depois, porque gosto de ensinar, de pesquisar e de usar os conhecimentos que tenho.

A professora coordena também o Núcleo de Música e dinamiza inúmeras atividades. Como se sente ao fazer parte desses projetos?

No caso do Núcleo de Música, e se pensarmos neste ano letivo, apraz-me bastante ver os alunos irem todos os dias àquele espaço, escolherem músicas e

ensaíarem, trabalharem em conjunto e com os professores e criarem, assim, uma harmonia, que é, às vezes, o que lhes falta, no dia-a-dia. Portanto, trata-se de fazer do “estar no núcleo” um “estar em família” e, ao mesmo tempo, trabalhar, aprender, trocar ideias e ser responsável. Quanto às outras atividades, a interação com os elementos de outros clubes, núcleos e projetos é bastante enriquecedora.

O intercâmbio com alunos estrangeiros é algo que tem ilustrado a sua experiência pessoal. Com que objetivo pretendeu integrar os alunos neste tipo de projetos e há quanto tempo é que os promove?

Eu comecei a fazer intercâmbios quando estava na universidade. Isso despertou em mim a vontade de depois, enquanto professora, desenvolver intercâmbios para que os alunos tivessem as mesmas oportunidades que eu tive, pois foi extremamente importante para mim. Para além disso, gosto de ver como os alunos desenvolvem a língua estrangeira quando contactam com os outros jovens e a abertura que se cria neles quando conhecem pessoas de outras culturas.

Entre os vários que realizei, nomeadamente, com a Inglaterra e a Suécia, o da Alemanha foi o mais duradouro: quinze anos. Atualmente, estamos a retomá-lo noutros moldes, com a associação alemã CREW.

Quais são os seus passatempos favoritos?

Sou uma grande fã de cinema! Adoro ler. A Literatura é uma das minhas paixões! Dedico-me também à música, pois gosto imenso de ouvir, tocar, experimentar e criar. Terapias como o Reiki e a prática do Tai Chi fazem parte do meu quotidiano. Viajar é outro dos meus interesses.

Para finalizar, qual foi, para si, a lição mais significativa na sua experiência profissional?

Isso é uma pergunta curiosa... digamos que lecionar criou em mim a consciência de que estar com jovens e com crianças é indispensável para mim. Tive vários níveis de ensino, mas houve uma turma de 2.º ciclo, a quem dei aulas de Português, Inglês e de quem era também Diretora de Turma, que me

deixou imensas recordações. Para essa turma, criei um Clube de Leitura, comprava livros adequados à faixa etária dos alunos, dado que não estavam habituados a ler, e, fiquei muito feliz, quando se tornaram melhores estudantes. Outras turmas houve que tiveram um papel relevante na minha carreira e, com eles, aprendi algumas das lições mais significativas: a ter consciência de que é um privilégio, para mim, ser professora, e a de que as intenções boas, vindas do coração, é que sempre contam.

Maria Antónia Dinis
ES de Francisco Franco
(Funchal)



As Fake News não são notícias

Um tema atual

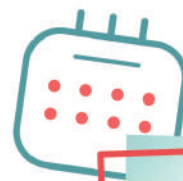
No âmbito do projeto 'Parlamento Jovem', o diretor do Diário de Notícias da Madeira, Ricardo Oliveira, esteve em conferência mista na sala de sessões da nossa escola para falar sobre aquilo que são as *fake news* e como podemos abordar as mesmas. E sobretudo o desafio que coloca aos meios de comunicação.

Ricardo Oliveira foi convidado pelo professor José Mascarenhas, responsável pelo projeto 'Parlamento Jovem', para falar sobre *fake news*, sobretudo às “deputadas” – Eva Oliveira, Sara Dória, Verónica Sousa e Margarida Freitas – que irão debater o tema, em março, na Assembleia Legislativa da RAM (ALRAM). O diretor do DN deixou bem clara a sua posição: não concorda com a expressão “*fake news*”, já que, citando as suas palavras, «se é *fake*, então não é notícia». Desta feita, esclareceu os jovens presentes a clara distinção entre uma notícia falsa e uma verdadeira, deixando alguns conselhos de como avaliar a veracidade da mesma. E para demonstrar a sua ideia de forma mais simples, apresentou alguns vídeos curtos que distinguiam os conceitos e transmitiam os termos de forma elucidativa. Ricardo Oliveira trouxe um exemplo muito claro retirado da plataforma Twitter, onde um jovem, intitulado de Léo, partilhou uma fotografia de um famoso que, segundo ele, se encontrava na Madeira.

No entanto, porque o diretor estava atento, descobriu logo que o jovem estava a propagar uma *fake news*. Adiantou que, muitas vezes, estas surgem somente por brincadeira, mas a verdade é que elas tomam uma dimensão demasiado grande e todos nós contribuímos com a sua propagação, através dos “likes” das partilhas e dos comentários. Por isso, para descobrirmos uma *fake news*, devemos ter sentido crítico e apurado e confirmar a sua veracidade, ou seja, procurar em sites de notícias fidedignos, procurar falhas na escrita do site, as possibilidades de plágio, e investigar para comprovar o que é dito.

A conferência foi bastante importante para que as “deputadas” conseguissem ter uma visão mais realista do problema e assim o possam estudar e trabalhar, de modo a apresentarem boas propostas quando forem ao evento na ALRAM.

Eva Oliveira
EBS Gonçalves Zarco
(Funchal)

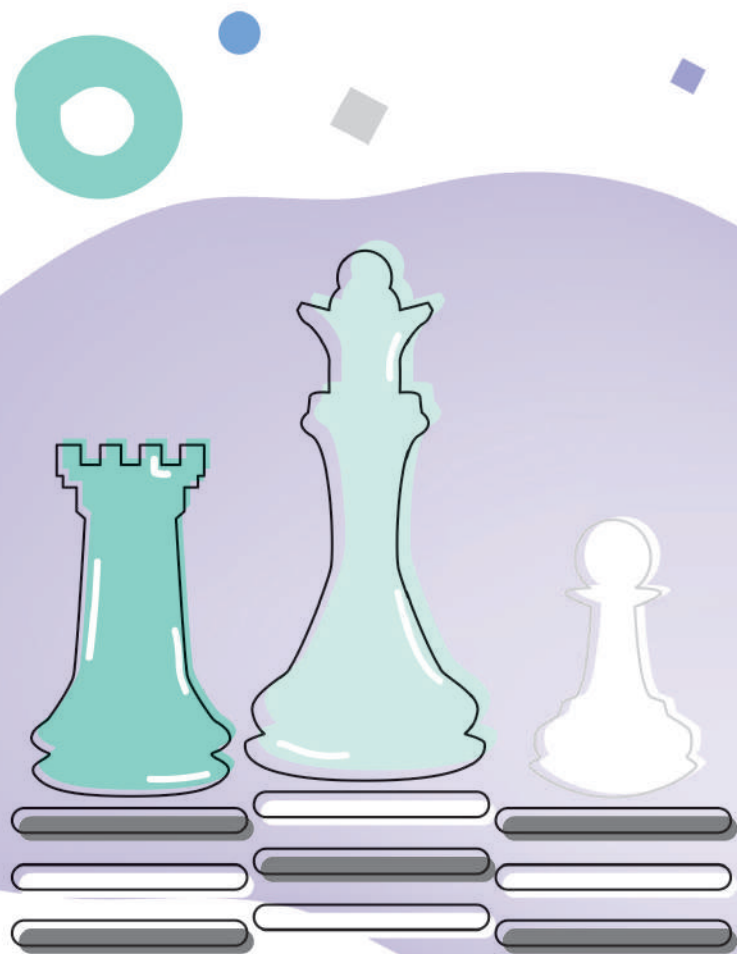


O tabuleiro de xadrez

Chegámos ao café ao final do dia. Estava pouca gente: apenas duas pequenas mesas ocupadas. Sentámo-nos na mesa do costume, no canto ao fundo, junto à janela. Fizemos o pedido, conversámos, bebemos, comemos. Quando se acabou a comida e a bebida, voltámos a pedir. Estávamos a divertir-nos, até alguém mencionar o tabuleiro de xadrez. O teu lugar estava desocupado. É o teu lugar favorito, porque é mesmo atrás da pequena mesa onde fica o tabuleiro de xadrez, em madeira escura e maciça e de peças magras e altas. Normalmente, és o primeiro a chegar, mal acaba o dia no escritório, e és o último a sair, mesmo antes da hora de fecho, mas, desta vez, não estavas no teu lugar. Nem dessa vez, nem na seguinte, nem na que se seguia a essa. Na verdade, não te vejo há semanas. Talvez seja pelo melhor, dizem-me as minhas amigas. Talvez ele tenha apenas arranjado outro sítio, mais perto do trabalho, dizem-me os meus amigos.

Cá para mim, talvez tu tenhas fugido. Fugiste de algo que não compreendias, pelo menos até então. De qualquer maneira, já se passou demasiado tempo para eu ainda me importar, mas o problema é exatamente esse. Já não te vejo, nem em fotografias, nem quando sonho acordada, e os meus amigos já sabem que não devem dizer o teu nome, quando estou por perto. O teu nome é agora palavra proibida. Talvez seja mesmo melhor assim. Passaram-se semanas, tantas que decidiram juntar-se e formar meses, meses suficientes para quase dois anos. No entanto, eu continuo a ir ao café, todas as sextas, ao fim de tarde. Sento-me, sozinha ou acompanhada, na mesa do canto, virada contra a janela, a mirar o tabuleiro de xadrez, escuro como chocolate, como os teus olhos, o teu cabelo. É agora, também, o meu lugar favorito em todo o café.

Sofia Lima
ES de Jaime Moniz
(Funchal)



Prémios

No mês de fevereiro, o “clique vencedor” veio da ES de Francisco Franco (Funchal), intitulada ‘Jogos de luz numa pesquisa disciplinar’ e foi conseguido em contexto da sala de aula. A vencedora, Margarida Costa, viu a sua fotografia publicada no **pvlab.dnoticias.pt** e recebeu um **voucher** do La Vie Funchal no valor de **20 euros**.

A próxima **fotografia do mês** pode ser tua. Não esperes mais... surpreende-nos com o teu olhar fotográfico!



Prémios
la Vie
FUNCHAL
SHOPPING CENTER



Mensalmente, o trabalho mais criativo do PV recebe um prémio monetário, oferta do La Vie Funchal. Como sabes, a criatividade e o ‘Ponto e Vírgula’ seguem a par e passo! Desta feita, o feliz contemplado com o prémio +Criatividade foi o Gonçalo Silva, o nosso editor do mês de janeiro, aluno da EBS D.ª Lucinda Andrade (São Vicente). O seu editorial conquistou a equipa do La Vie Funchal, responsável por eleger o trabalho mais criativo, e valeu-lhe um **voucher** no valor de **20 euros**.

Desafia-te, participa e ganha prémios!

PV
VAI
À
ESCOLA



VII
Edição



EBS Padre Manuel Álvares
Ribeira Brava
Workshops
Vídeo



EBS da Ponta do Sol
Ponta do Sol

28

Workshops
Podcast e Rádio
Escrita Criativa

